

UM ÍNDIO PARA O PRESIDENTE

Em Cruzeiro do Sul, no vale do Juruá, festejava-se no último 28 de setembro os 73 anos da fundação da cidade e mais de 6 mil pessoas assistiam a um desfile de estudantes e militares, rico de alegorias e com treinada cadência. Em frente à catedral, na avenida principal, havia um palanque com as autoridades, e o grosso do público se concentrava por ali, aplaudindo com entusiasmo. Num dado momento, porém, explodiram vaias e gargalhadas, misturadas com algumas poucas palmas, chamando a atenção dos fotógrafos, que, agitados, procuravam não perder os melhores lances do que consideraram uma cena originalíssima, um brinde dos organizadores do desfile para o grande público presente. Um deles gritaria, surpreso: "Olhe, são índios de verdade!"

Eram índios de verdade introduzidos no desfile como um corpo estranho, mas que produziam um efeito calculado, de prova de esforço cívico, ainda que enganoso, inconsequente e estúpido. Tangidos (esse o termo exato) pela professora Eunice Onishi, diretora do Campus Avançado que a Unicamp mantém no município, mais de uma dezena de Poyanawas, portando faixas (alguns) ou comprimidos num grupo, enfrentavam as vaias, a intolerância e o preconceito arraigado do público, deixando transparecer para os fotógrafos todo o seu espanto, terror e constrangimento.

Um pouco antes, colegiais desfilaram exibindo o retrato do herói Mâncio Lima, seringueiro e amansador de índios que recentemente deu nome ao novo município desmembrado de Cruzeiro do Sul, ex-vila Japiim. Seu um pouco da história verdadeira vivida pelos Poyanawas nos confrontos com Mâncio Lima e seus capangas fosse contada nas escolas e relatada nas comunidades brancas do Juruá, talvez no desfile, em vez das vaias e gargalhadas, o público manifestasse um sentimento de respeito, admiração e remorso por uma raça que, há um século, luta para subsistir, depois de violentamente assaltada em suas terras, impiedosamente fuzilada e eternamente humilhada por aqueles que se intitulam heróis e civilizados.

Um pouco dessa história está contada, aliás em recente relatório feito pela antropóloga Delvair Montagner Melatti, para a Fundação Nacional do Índio. Ela informa que até 1908 Mâncio Lima, proprietário do seringal Barão, no rio Moa, havia atraído mais ou menos 800 índios Poyanawa para o seu seringal. Mâncio Lima contratava várias pessoas para fazer a atração dos indígenas, sendo que uma delas ainda vive no rio Juruá. O filho desse "amansador" relatou para a antropóloga a atração de um grupo de Poyanawa que vivia entre a Serra do Moa e o rio Azul.

Os caucheiros estavam trabalhando, quando em sua ausência os índios tiraram alguns objetos e uma sanfona. Logo se organizou uma equipe de atração, dirigida por Antônio Bastos, que seguiu os vestígios e localizou a aldeia, vivendo um clima de festa. Sem briga, os amansadores conseguiram levar os índios para o seringal Barão.

"Mas os índios não se adaptaram ao novo local — conta Delvair — por diversos motivos, um dos quais, o de trabalho forçado, o que ocasionou a fuga do grupo. Apenas um homem não conseguiu fugir por estar no Igarapé Bom Jardim. Este índio foi obrigado a seguir o rastro do grupo que se dividiu em três, mas mesmo assim foram localizados novamente. Nesta captura o tuxáua foi assassinado friamente pelo capanga do patrão Mâncio, com tiros na cabeça e no resto do corpo. O índio estava sem armas e pediu clemência, quando foi fuzilado por vários membros da equipe de captura. A intenção de Mâncio Lima era matar o tuxáua, admirado pelo seu belo porte, mas recapturá-lo e enviá-lo de presente ao Presidente da República".

Um índio de presente, vejam só, e Mâncio Lima faria isso porque era um político eminente na região e um dos fundadores de Cruzeiro do Sul. "Na época do auge da borracha era hábito

dos patrões contratarem tribos indígenas e contratarem nordestinos para trabalharem em seus seringais, sendo tratados como escravos. Só após a morte de Mâncio Lima em 1950, que os Poyanawas passaram a ser praticamente livre do domínio dos patrões. Os velhos índios recordam com amargura a ocasião da pacificação, os trabalhos pesados que eram obrigados a fazer no seringal, os intermináveis dias em caçadas para o patrão, as longas caminhadas carregando bolas de borracha de 30 a 40 quilos e as mulheres transportando paneiros de farinha do patrão, à São Domingos. Trabalhavam em fins de semana e em dias santos.

As pessoas entrevistadas por Delvair Melatti, longo dos rios Moa e Juruá, foram unânimes em citar fatos que denunciavam a personalidade cruel e arbitrária de Mâncio Lima. No final, a antropóloga faria constar de seu relatório, um perfil pouco recomendável do herói:

"É por demais conhecido a maneira como o coronel Mâncio Lima tratava seus empregados.

gava os seringueiros a comerem certos mantimentos que o mesmo encomendava da cidade. Se recusavam, eram açoitados. "Certa ocasião o patrão quis repetir o evento, mas o seringueiro nordestino mais destemido que os outros, se negou a ingerir o que estava sendo imposto, ameaçando matá-lo, só não conseguindo porque Mâncio Lima se refugiou em casa. Depois deste incidente desistiu de fazer exigências absurdas. Parece que o coronel Mâncio Lima tinha um temperamento instável, ora agia perversamente contra seus empregados, ora era caridoso, dando que lhe fosse solicitado. Não mandava matar seringueiros e índios que lhes caía em desgraça, mas permitia que fossem assassinados por seus capatazes".

Por causa desses maus tratos e perseguições contra o seu povo, os índios do Juruá criaram tanta raiva e ressentimentos dos brancos, conta ainda Delvair, que tomavam remédios para evitar filhos, depois de pacificados. As pessoas entrevistadas pela antropóloga, no começo deste ano,



"Olha! são índios de verdade!"

Havia capangas para vigiarem a execução das tarefas, sendo estes demasiadamente cruéis com índios e nordestinos do seringal. Os seringueiros eram forçados a cumprir obrigações sob pena de serem açoitados. Os "caboclos" normalmente executavam seus serviços sem reclamar, porque tinham medo do patrão. O seringueiro que não queria trabalhar porque estava cansado, era assassinado. As pessoas eram amarradas nas árvores e ferradas por formigas bravas".

Contaram — informa Delvair — que "um índio, filho de tuxáua, que cresceu e vendo o seu povo ser castigado constantemente, decidiu matar o patrão Mâncio, incendiando sua casa. Três vezes tentou, mas o empreendimento não teve êxito. Por castigo, o índio levou nove vezes, nove surras, sendo depois expulso do seringal. Parece que era praxe dos índios levarem surras por qualquer insubordinação ao patrão".

"Outro fato narrado, foi que um "caboclo" queria abandonar o seringal Barão, mas o patrão não deixou, obrigando-o a trabalhar três dias seguidos, sem descanso, na casa da farinha. Não resistindo ao sono, o índio foge para a mata, esconde-se num ôco de pau e adormece. O capataz encontra-o e mata-o enquanto dormia".

Os habitantes do Juruá contaram para Del-

vair que o coronel Mâncio era tão ruim que obricitaram os nomes de algumas índias da época de Mâncio Lima, que não tiveram prole.

As informações colhidas por Delvair e aqui relatadas conferem com as que a senhora Alice, moradora do bairro Estação Experimental, em Rio Branco, narrou há poucos dias para o "Varadouro". Alice, filha de cachinauás, foi recolhida por Mâncio Lima quando teve toda sua aldeia destruída pelos capangas do seringalista. Ela tinha apenas dois meses de idade e Mâncio a criou em sua casa, até os 14 anos, casando-se com um de seus homens. Ao narrar hoje algumas cenas que presenciou no seringal Barão, na casa de seu protetor, dona Alice dança com os olhos, experimenta momentos de nervosismo e agitação, como se temesse um ressurgimento de toda aquela crueldade que marcou a sua infância. Informa que os seringueiros que desagradavam Mâncio Lima eram forçados a tomar um remédio esquisito que os levavam à morte, momentos depois de ingerido.

Se Dona Alice estivesse no meio da multidão que presenciava o desfile na festa de aniversário de Cruzeiro do Sul, na hora em que seus irmãos indígenas eram vaiados, certamente correria apavorada do local, pressentindo estar entre seguidores de capatazes, capangas e coronéis de barranco que massacraram seu povo.